

Haveria Categoria Preposicional na Libras?

Would There be a Prepositional Category in Libras?

Carine Gurunga de Matos
UESB/IFBaiano
Itapetinga - Brasil

Elisângela Gonçalves
Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira
UESB
Vitória da Conquista - Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é investigar a ocorrência da categoria preposicional na Libras, buscando evidências para a hipótese levantada por Lessa-de-Oliveira (2023) sobre o sistema de checagem de Caso da Libras, a partir da análise de frases. Com o método descritivo-comparativo analisamos se os sinais que são definidos como preposição pelo Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos (CAPOVILLA *et al.*, 2017) estão, de fato, funcionando como preposição na estrutura da Libras, com base nos pressupostos gerativistas; apoiando-nos também em estudos já realizados sobre esse fenômeno tanto relacionados à Libras quanto à língua portuguesa. A hipótese de que a categoria preposicional não ocorre em Libras, e que a checagem de Caso é realizada por outro sistema sem envolvimento de preposição é confirmada nessa análise, contudo salientamos a necessidade de ampliação dessa pesquisa.

Palavras-chave: Libras; Preposição; Caso.

Abstract

The objective of this article is to investigate the occurrence of the prepositional category in Libras, seeking evidence for the hypothesis put forth by Lessa-de-Oliveira (2023) regarding the Case-checking system in Libras, through the analysis of sentences. Using a descriptive-comparative method, we analyze whether the signs defined as prepositions in the Dictionary of Brazilian Sign Language: Libras in Your Hands (CAPOVILLA *et al.*, 2017) are indeed functioning as prepositions within the structure of Libras, based on generative assumptions. We also draw upon previous studies related to both Libras and the Portuguese language on this phenomenon. The hypothesis that the prepositional category does not occur in Libras, and that Case-checking is carried out by another system without the involvement of prepositions, is confirmed in this analysis. However, we emphasize the need for expanding this research.

Keywords: Libras; Preposition; Case.

1. Introdução

A língua brasileira de sinais - Libras - é uma língua natural que foi reconhecida como objeto de estudo das pesquisas linguísticas desde meados dos anos 1960, o que significa que é estudada há bem menos tempo do que as línguas orais; sendo assim, ainda são poucas e recentes as pesquisas realizadas sobre ela. Por conta disso, não existem ainda obras dirigidas ao grande público sobre o funcionamento geral da gramática da Libras, até porque as pesquisas ainda não avançaram ao ponto de haver uma descrição ampla dessa gramática, nem mesmo se conseguiu chegar, até este momento, a delimitações robustas acerca de suas categorias. Podemos dizer, entretanto, que existe alguma discussão a respeito da categoria preposicional, a qual abordaremos neste estudo.

Este trabalho propõe, assim, levantar questionamentos acerca da ocorrência ou não de preposição em Libras, como também verificar de que modo essa língua poderia dar conta da checagem de Caso, sem realização da preposição em seu sistema. Faremos isso analisando frases em Libras em comparação com a versão dessas frases na língua portuguesa, considerando que se trata de línguas que estão em contato, sendo usadas no mesmo território. Procuramos também, na análise dos dados, verificar a possibilidade de marcação/checagem de Caso de forma espacial, conforme propõe Lessa-de-Oliveira (2023, no prelo) e levantamos a hipótese de que a categoria preposicional não ocorre em Libras, ficando a checagem de Caso nessa língua realizada por algum sistema que não envolva realização da preposição.

Geralmente ouvimos dizer (em cursos básicos de Libras e outras situações) que, na Libras, não existem preposições nem elementos de coesão, como as conjunções, por exemplo. Sabemos que essa não é uma questão tão trivial, que pode ser tratada com um simples “não existe”, pois, nas línguas naturais, a categoria das preposições existe por uma razão funcional: participam da marcação de Caso¹. Assim, alguns trabalhos tentam defender a existência de preposições em línguas sinalizadas, levantando hipóteses que vão no sentido de que haveria, em línguas como a Libras, pelo menos preposições lexicais. Um exemplo é o trabalho de base gerativista de Mesquita e Salles (2010), em que se discute a possibilidade de as preposições em Libras ocorrerem em contextos correspondentes aos das preposições lexicais em português. Fora do âmbito gerativista, Lira e Souza (2001) apresentam a ocorrência das seguintes preposições em Libras: *até, após, contra, para, sem, sob, sobre*; Fernandes (2003) identifica as seguintes: *após, até, com, em, para, sem, sob, sobre*; Monteiro

(2019), por sua vez, apresenta um trabalho sobre as preposições *sobre* e *contra* e Capovilla et al. (2017) apontam 39 sinais categorizados como preposição, que elencaremos mais adiante.

Neste trabalho, não pretendemos apresentar conclusões acerca desse objeto de estudo, mas apenas levantar alguns questionamentos acerca do que, em Libras, tem sido tomado como preposição (assumindo como base sua definição e classificação na língua portuguesa), bem como lançar luz sobre a ocorrência ou não de preposições lexicais e funcionais na Libras.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: após esta introdução, a seção 2 apresenta o referencial teórico; na seção 3, segue a metodologia deste trabalho; a seção 4 traz as análises e discussões; por fim, na seção 5, apresentam-se as considerações finais.

2. A natureza categorial da preposição segundo as visões tradicional e gerativista

Nesta seção, primeiramente apresentamos definições de preposição propostas por gramáticos normativistas da língua portuguesa; em seguida, abordamos essa categoria de acordo com as noções da Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1986;1995; BERG, 1998; BRITO, 2003). Gramáticos normativistas da língua portuguesa apresentam as seguintes definições para a categoria da preposição:

[...] palavras que subordinam um termo da frase a outro, tornando o segundo dependente do primeiro (ROCHA LIMA, 1999, p. 432);

[...] palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente) (CUNHA; CINTRA, 1998, p. 374);

[...] uma unidade linguística desprovida de independência [...] e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações (BECHARA, 2009, p. 47).

Rocha Lima (1999) divide as preposições em essenciais e acidentais. As primeiras são consideradas preposições por origem (*a, de, para*); as segundas são palavras que pertencem a outras classes gramaticais, mas que podem comportar-se como preposições (*afora, conforme, feito*). Cunha e Cintra (1998) admitem também a existência de preposições acidentais, que são palavras que pertencem a outras classes gramaticais, mas que podem desempenhar papel de preposição.

Considerando as condições semânticas, Rocha Lima (1999) propõe a existência de dois tipos de preposições: fortes e fracas. As fortes possuem significação em si mesmas, as fracas não apresentam sentido algum, cumprindo apenas a função de fazer relação entre termos.

Haveria Categoria Preposicional na Libras?

Para Cunha e Cintra (1998), todas as preposições possuem uma “significação fundamental marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional” (p. 572). A intensidade desse valor significativo depende das relações sintáticas estabelecidas pela preposição. Segundo Bechara (2009), toda preposição tem um significado fundamental (unitário). São os contextos que desdobram o significado primário de um elemento preposicional.

No que diz respeito às abordagens linguísticas acerca da preposição, verificamos que, do ponto de vista gerativista, esta é uma categoria relacional que comumente exige um complemento. Nessa perspectiva, a *preposição* vem sendo incluída no rol das categorias lexicais, juntamente com *nome*, *verbo* e *adjetivo*, que são categorias descritas como do tipo lexical, formadas por combinações dos traços [+/- N] e [+/-V] (CHOMSKY, 1970; 1974). Destaca-se também o papel funcional da preposição, sobretudo no âmbito da teoria de Princípios e Parâmetros da gramática gerativa (CHOMSKY, 1981, 1995). Ou seja, as preposições vêm sendo tratadas, dentro das discussões gerativistas, como núcleos de duas naturezas: lexical e funcional. Explicam Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2013) que as preposições funcionais têm a função de fazer seleção categorial de seus argumentosⁱⁱ, ou seja, c-selecionar seu complementoⁱⁱⁱ e não os selecionarem semanticamente (*s-seleção*). Isso quer dizer que as preposições funcionais não são responsáveis por lhes atribuir papel temático^{iv}. Já as preposições lexicais, além de c-selecionarem seu complemento, também o selecionam semanticamente, atribuindo-lhe papel temático.

Dentro dessa perspectiva, de acordo com Brito (2003), é possível distinguir três tipos de preposições e locuções prepositivas:

- (i) as que marcam tematicamente os seus argumentos juntamente com outros predicadores;
- (ii) as que são os verdadeiros itens predicativos e por si sós marcam tematicamente os seus próprios argumentos;
- (iii) as que têm um papel secundário na marcação temática e que são essencialmente marcadores de caso (BRITO, 2003, p. 398-399).

Para exemplificar as preposições de tipo (i), a autora apresenta a atuação da preposição com determinados verbos de movimento na atribuição de papel temático ao argumento, como é o caso de *ir a algum lugar* ou *vir de algum lugar*, casos que preveem na sua entrada lexical os papéis temáticos de meta e de fonte, respectivamente. Desse modo, o verbo e a preposição contribuem para a marcação temática dos complementos. As preposições de tipo (ii) são as lexicais, que por si sós são categorias de natureza predicativa

que atribuem papel temático, como ocorre na posição de predicativo do sujeito no exemplo apresentado pela própria autora: “O Presidente está *em Díli*.” (BRITO, 2003, p. 400). As de tipo (iii), também conhecidas como preposições funcionais ou gramaticais, atuam fundamentalmente na atribuição de Caso, como em: *o pai da Ana*, em que a preposição *de* tem a função de marcar o argumento *Ana* com o Caso genitivo. Ou seja, o que de fato distingue esses três tipos de preposição, conforme discussão de Brito (2003), é o grau de atuação ou não das preposições na s-seleção, isto é, na atribuição de papel temático, uma vez que a checagem de Caso é função dos três tipos.

Entretanto, essa divisão das preposições em lexicais e funcionais não é consensual entre os pesquisadores. Segundo Berg (1998, p. 108), “Há estudiosos que colocam em dúvida se: 1) em todos os seus usos, as chamadas preposições são núcleo de PP; 2) se os limites entre elas e outras categorias é claro e; 3) se as preposições seriam uma categoria do tipo lexical.” Assim, considerando essas questões e o pressuposto gerativista de que o núcleo de toda projeção é funcional (FUKUI, 1986; FUKUI; SPEAS, 1986)^v, Berg (1998) assume, como hipótese *nula* de trabalho, que *as preposições são categorias lexicais*. A testagem dessa hipótese *nula* demonstra, conforme a autora, que não se confirmam as propriedades que dão suporte a essa hipótese. Tal resultado leva a autora à conclusão de que: é funcional a natureza categorial da preposição, uma vez que essa categoria pertence a uma classe fechada, possui um conteúdo significativo de segunda ordem, não atribui papel temático e atribui/checa Caso. Reinterpretando Chomsky (1981, 1986), Berg (1998) identifica como definidores de uma categoria funcional, os traços [-N; -V] indicados para a categoria preposicional. A autora conclui também que não se pode falar em uniformidade para a categoria das preposições, uma vez que não ficam claras as fronteiras entre preposição e advérbio; preposição e Complementizador; preposição e Nome; preposição e tempo.

Para explicar casos em que a presença da preposição como atribuidora de papel temático parece necessária, como seria as do tipo (ii) indicadas por Brito (2003), Berg (1998), baseando-se em Larson (1985), assume que o elemento responsável pelo papel temático é um traço (F) que o NP (sintagma nominal), complemento de P, possui, oriundo das propriedades de seus próprios núcleos. Explica a autora que:

Larson se baseia na análise de Bresnan e Grimshaw (1978) para justificar atribuição de Caso e papel- θ “bare-NP adverbs”. A classe de NP advérbios é marcada pelo traço F (= tempo, lugar, modo, etc.), de acordo com seus significados: “place”, “here”,

Haveria Categoria Preposicional na Libras?

“there”, etc. Larson adota a idéia de Bresnan e Grimshaw e assume que os NPs possuem um traço (+F) que é oriundo das propriedades de seus próprios núcleos, isto é, herdado por qualquer NP tendo um N como seu núcleo. O NP recebe papel- θ de acordo com sua carga semântica intrínseca (= seu conteúdo semântico inerente) (BERG, 1998, p. 117).

Uma outra possibilidade de compreensão da natureza/propriedades da categoria preposicional é tratar o aspecto lexical ou funcional das preposições em nível de traços, como faz Littlefield (2006), para quem as preposições são classificadas a partir da combinação dos traços [+LEXICAL], [-LEXICAL], [+FUNCIONAL] e [-FUNCIONAL]. Dessa forma, é possível assumir que um mesmo elemento possa contemplar, ao mesmo tempo, traços funcionais e traços lexicais.

Nessa perspectiva, talvez possamos conceber que a propriedade lexical não seja um componente definidor da natureza da categoria preposicional, mas possa ser eventualmente agregada a uma preposição como em exemplos do português tais como: (a) *invasão de Roma* e (b) *invasão por Roma*; (c) *vim de lá* e (d) *vim por lá*. (o tipo (i) conforme Brito (2003), isto é, participam da atribuição de papel temático junto com o predicador). Assim, o nome deverbal *invasão*, em (a) e (b), traz os papéis temáticos *tema* e *agente* que são atribuídos, respectivamente, a seus argumentos interno e externo. As preposições *de* e *por* claramente estão aí agregando conteúdo semântico que participa na definição do papel temático atribuído ao complemento nominal (*de-tema*; *por-agente*). Já em (c) e (d), o verbo *vir* atribui o papel temático *fonte* se seu complemento é encabeçado por *de* e papel temático *locativo* se seu complemento é encabeçado pela preposição *por*. A preposição pode, então, ser concebida aí como uma espécie de hospedeira do traço lexical, que não lhe é inerente.

Em favor dessa proposição, podemos trazer o que apresenta Berg (1998), de acordo com quem autores como Williams (1989); Grimshaw e Williams (1993); Lobato (1989) admitem que uma mesma preposição pode ser vazia ou semântica. Comenta a autora que “Essa ambiguidade nos leva a pensar que a distinção entre P semântica versus P gramatical está relacionada ao lugar na estrutura frasal onde ela foi inserida e não no seu conteúdo intrínseco.” (BERG, 1998, p. 114). Assim é que o conteúdo semântico da preposição *de* presta-se a auxiliar a definição do papel temático *tema* em (a) acima e *fonte* em (c) e o conteúdo semântico da preposição *por* auxilia a definição do papel temático *agente* em (b) o papel temático *locativo* em (d).

Essa característica é observada num grupo de preposições do português brasileiro que Berg (1998) define como *preposições verdadeiras*, quais sejam: *a, com, de, em, para, por, sobre*. Com base em tal característica, essa autora conclui que “as preposições não são completamente destituídas de significado e nem possuem um conteúdo semântico pleno, mas, sim, apresentam uma contribuição semântica de segunda ordem.” (p. 116)

Berg (1998) destaca também outro grupo de preposições do português brasileiro, as que ela define como *preposições com apenas um significado*, quais sejam: *ante, após, até, contra, desde, entre, perante, sem, sob*. A autora menciona testes sintáticos aplicados a essas preposições que a levaram a constatar que “elas têm um comportamento atípico, aproximando-se da classe dos advérbios” (BERG, 1998, p. 115), como nos exemplos *Maria lutou a favor (dos comunistas) e Pedro lutou contra* e *Maria caminhou com (o lenço) e Pedro caminhou sem*.

Na próxima seção, apresentamos a metodologia adotada para análise dos dados, bem como informações sobre o sistema de transcrição dos sinais da Libras e o sistema de notação em glosa que utilizamos.

3. Os caminhos da análise dos dados

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi realizada a coleta de dados no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos (CAPOVILLA *et al.*, 2017), doravante DLSB, a partir do método descritivo-comparativo. Identificamos os sinais em Libras classificados como preposição ou locução prepositiva nesse dicionário, bem como selecionamos alguns exemplos, no próprio DLSB, em que esses sinais podem ocorrer.

Por se tratar de um objeto de estudo ainda bastante desconhecido em termos de sua estrutura gramatical, tivemos que buscar uma técnica específica que pudesse nos fornecer condições seguras para identificar se os itens lexicais levantados no DLSB são, de fato, preposições ou locuções prepositivas. A forma viável e segura que encontramos foi o rastreamento da estrutura morfossintática, começando por sua base, a estrutura argumental, pautando-nos nos pressupostos gerativistas; assim, partimos da observação da estrutura argumental de frases e das possibilidades de checagem de Caso via recursos da sintaxe espacial. Ainda, baseamo-nos na hipótese levantada por Lessa-de-Oliveira (2023, no prelo), de acordo com a qual recursos da sintaxe espacial são utilizados para a marcação de Caso em Libras, como vemos no exemplo da autora abaixo.

Haveria Categoria Preposicional na Libras?

Figura 1: Representação da frase (1)



Fonte: Lessa-de-Oliveira, 2023, p. 50, no prelo.

(1)

[O-locativoMESA] COLOC|ar|[copo][O-locativo]/à esquerda/ COLOC|ar|[copo][O-locativo]/à frente/
COLOC|ar|[copo][O-locativo]/à direita/

‘Sobre a mesa, distribuiu-se um copo à esquerda, um no meio e outro à direita.’

(LESSA-DE-OLIVEIRA, 2023, p.148, no prelo)

Conforme a autora, numa frase em Libras como em (1), em que, primeiramente, a sinalizante realiza o sinal MESA a sua frente, colocando depois três copos distribuídos sobre essa mesa imaginária, a função de marcação de caso oblíquo, desempenhada pela preposição *sobre* em português (*sobre a mesa*), parece se realizar pela marcação da posição da mesa no espaço de sinalização, sobre a qual, imageticamente, se distribuem os copos. Assim, ‘*mesa*’ constitui-se o complemento locativo do verbo ‘colocar’ em Libras. Ainda, conforme essa autora, é também de forma espacial, por meio do traço direcional do movimento do verbo mais os pontos espaciais distribuídos sobre a mesa imaginária, que os adjuntos – *à esquerda*, *à frente* e *à direita* – se estabelecem nessa língua sinalizada.

Procuramos, então, na análise de nossos dados, verificar a possibilidade de marcação de Caso de forma espacial, conforme propõe Lessa-de-Oliveira (2023, no prelo) e levantamos a hipótese de que a categoria preposicional não ocorre em Libras, ficando a checagem de Caso nessa língua realizada por sistema sem envolvimento de preposição.

4. Sistema de transcrição em Libras e notação em glosa

Transcrevemos os dados deste trabalho utilizando a escrita Sel, um sistema de escrita para Libras, de autoria de Lessa-de-Oliveira (2012), em sua versão atual, publicada em Lessa-de-Oliveira (2023, no prelo)^{vi}. A transcrição em Sel se faz acompanhar de glosas, seguidas da tradução para a língua portuguesa. As glosas consistem em um modelo de notação que transcreve em outra língua, no caso o português, uma frase na ordem da língua em estudo, no caso a Libras. Algumas vezes, certos aspectos morfossintáticos da língua utilizada para

compor as glosas aparecerão, como morfemas de flexão, por exemplo (aspectos morfossintáticos do português poderão aparecer ao escrever uma glosa da Libras). Assim, faz-se necessária a utilização de recursos (regras) para indicar que tais aspectos não pertencem à língua em estudo. Ferreira (1984) foi uma das primeiras pesquisadoras a utilizar glosas como forma de transcrição de dados da Libras, o que passou a ser amplamente utilizado em trabalhos sobre a gramática dessa língua sinalizada. Adotamos para as glosas as regras, em versão atualizada, comumente utilizadas pelo Grupo de Pesquisa da Estruturas Gramaticais e Aquisição da Linguagem (GPEGAL-CNPq), do qual fazemos parte. Tais regras procuram destacar nas glosas, de forma mais detalhada do que fez Ferreira (1984), os aspectos morfossintáticos do português que não pertencem à Libras (COLOC|ar| - vogal temática e morfema de infinitivo entre barras verticais pertencem ao português), bem como aspectos da Libras que não pertencem ao português (COLOC|ar|[copo][O-locativo]à esquerda/ - os complementos do verbo entre colchetes e o adjunto entre barras inclinadas sobrescritos pertencem à Libras].

Na próxima seção, apresentamos a análise de dados em Libras que realizamos seguindo a metodologia acima elucidada, os resultados e as conclusões a que tais análises nos levaram.



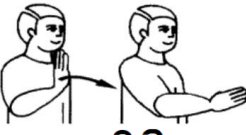

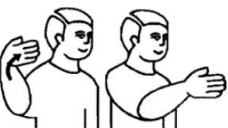

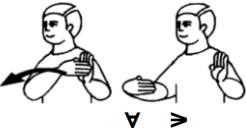
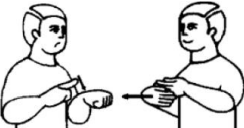



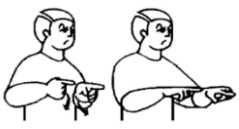
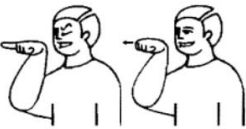




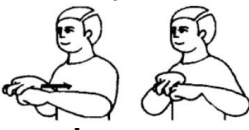

4.1 A (in)existência da categoria preposicional em Libras: análise de dados

Os dados analisados neste estudo incluem os 39 sinais apresentados como preposições e/ou locução prepositiva no DLSB e frases em Libras contendo esses sinais, a partir das quais avaliamos a pertinência ou não de sua classificação como preposição. Uma vez que os autores deixam claro que a classificação gramatical dos sinais nos verbetes apresentados no dicionário encontra-se equiparada às normas da gramática da língua portuguesa, podemos inferir que o critério utilizado para a classificação desses sinais como preposição tenha sido essa equiparação. No quadro 1 a seguir, trazemos esses 39 sinais transcritos em Sel e acompanhados da figura e da tradução em português indicada no DLSB.

Haveria Categoria Preposicional na Libras?

Quadro 1 - Lista de sinais classificados como preposições no DLSB

<p>1</p>  <p>à direita de;</p>	<p>2</p>  <p>à esquerda de;</p>	<p>3</p>  <p>defronte de; em frente a; em frente de; diante de;</p>	<p>4</p>  <p>além de;</p>
<p>5</p>  <p>a(o) leste de;</p>	<p>6</p>  <p>a(o) norte de;</p>	<p>7</p>  <p>a(o) oeste de;</p>	<p>8</p>  <p>a(o) sul de;</p>
<p>9</p>  <p>abaixo de, sob;</p>	<p>10</p>  <p>embaixo de, debaixo de, de, por baixo de, sob;</p>	<p>11</p>  <p>embaixo de;</p>	<p>12</p>  <p>sob;</p>
<p>13</p>  <p>acima de, sobre (espaço);</p>	<p>14</p>  <p>em cima de; sobre (espaço);</p>	<p>15</p>  <p>sobre (espaço);</p>	<p>16</p>  <p>sobre (assunto)</p>
<p>17</p>  <p>ao redor de;</p>	<p>18</p>  <p>em volta de;</p>	<p>19</p>  <p>perto de;</p>	<p>20</p>  <p>perto de;</p>

<p>21</p>  <p>☿ ♂ ♂</p> <p>dentro de;</p>	<p>22</p>  <p>♁ ♂ ♂</p> <p>por trás de, atrás;</p>	<p>23</p>  <p>♁ ♂</p> <p>em direção a;</p>	<p>24</p>  <p>♁ ♂</p> <p>após;</p>
<p>25</p>  <p>♁ ♂</p> <p>desde;</p>	<p>26</p>  <p>♁ ♂</p> <p>durante;</p>	<p>27</p>  <p>♁ ♂</p> <p>durante;</p>	<p>28</p>  <p>♁ ♂</p> <p>durante;</p>
<p>29</p>  <p>♁ ♂</p> <p>até(tempo);</p>	<p>30</p>  <p>♁ ♂ ou ♂ ♂</p> <p>até (espaço);</p>	<p>31</p>  <p>♁ ♂</p> <p>contra(disputa)</p>	<p>32</p>  <p>♁ ♂</p> <p>contra(contrário);</p>
<p>33</p>  <p>♁ ♂</p> <p>a fim de;</p>	<p>34</p>  <p>♁ ♂</p> <p>para;</p>	<p>35</p>  <p>♁ ♂</p> <p>sem;</p>	<p>36</p>  <p>♁ ♂</p> <p>à exceção de, exceto, menos, afora;</p>
<p>37</p>  <p>♁ ♂</p> <p>cerca de;</p>	<p>38</p>  <p>♁ ♂</p> <p>por causa de, devido a;</p>	<p>39</p>  <p>♁ ♂</p> <p>com.</p>	

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras a partir de Capovilla (2017).

Podemos observar que das preposições do português consideradas como verdadeiras por Berg (1998) aparecem nesse quadro apenas: *com*, *para* e *sobre*. Para exemplificar a

ocorrência de tais preposições, o DLSB não traz exemplos de frases em Libras, mas apenas frases do português, como segue em (2). Em (3), apresentamos possibilidades de versões dessas frases em Libras.

- (2) a. Vou para o litoral neste fim de semana. (p. 1674)
 b. Deixe as compras sobre a mesa. (p. 2040)
 c. Preciso falar com você sobre o novo contrato. (p. 2040)
 d. Hoje vou ao comício com você. (p. 618)

- (3) a. |ir| PRAIA FINAL DE SEMANA PRÓXIMO.
 b. MESA COLOC|ar|[SACOLA].
 c. NÓS-2 PRECIS|ar| CONVERS|ar, NOV|o| CONTRATO
 d. HOJE (EU) |ir| COMÍCIO POLÍTIC|o| (JUNT|o/amente|) VOCÊ.

Os sinais apontados como correspondentes às preposições *para* (sinal 34 do quadro 1) e *sobre* (sinais 13, 14 ou 15 do quadro 1) não são exigidos em Libras em frases correspondentes aos exemplos em (2a) e (2b). Após o sinal IR, realiza-se o sinal PRAIA, sem exigência de preposição alguma, como em (3a). O próprio DLSB apresenta a observação de que o sinal indicado como PARA^{vii} dificilmente é usado na Libras, o que é indicativo de não se tratar de uma preposição, já que uma das características da preposição é a obrigatoriedade.

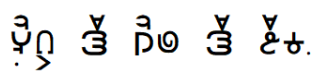
A mesma observação fazemos com respeito ao sinal indicado como correspondente à preposição *sobre* do português. Em casos como o exemplo (2b) não há obrigatoriedade de ocorrência desse sinal (como se verifica em (3b)), pois em frases como essa ocorre sintaxe espacial, como descrito acima a respeito do exemplo (1). Também não verificamos a obrigatoriedade do sinal indicado como a preposição *sobre* (assunto) (sinal 16 no quadro 1) na frase em (2c), que, em Libras, pode ser realizada como (3c).

Quanto ao sinal indicado como correspondente à preposição *com* do português, este pode ser também traduzido como o adjetivo JUNTO ou como o advérbio JUNTAMENTE (sinal 39 no quadro 1) e também não há obrigatoriedade desse sinal. O exemplo (2d) em Libras pode ocorrer como (3d), em que esse sinal pode não ocorrer ou entrar na sentença com uma função adverbial, análise que pode ser reforçada por sua não obrigatoriedade.

No tocante às preposições tratadas por Berg (1998) como *preposições com apenas um significado*, aparecem nesse quadro *após, até, contra, desde, sem e sob*. Vimos que Berg (1998), mediante resultados de testes sintáticos, assume que certo comportamento atípico dessas preposições as aproxima da classe dos advérbios, mesmo em uma língua como o português que tem um sistema preposicional consolidado.

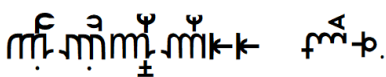
Seguindo essa perspectiva de análise para os demais itens do quadro 1, correspondentes às ditas locuções prepositivas do português, podemos observar que se incluem aí itens traduzidos como *abaixo, acima, além, dentro e perto*, que, com referência à estrutura gramatical da língua portuguesa, são tradicionalmente identificados como advérbios, e itens como *menos e afora*, que ocorrem também muito frequentemente como advérbios nessa língua, embora possam ocorrer como preposições (com o sentido de *exceto, à exceção de, salvo*) em alguns contextos, como em ‘*todos concordaram, menos os insatisfeitos*’ e ‘*afora três mulheres, todos entraram na caverna*’. Os itens *à direita, à esquerda, a leste, a oeste, a(o) norte, a(o) sul* e *em volta*, por sua vez, são sintagmas preposicionais que ocorrem, em português, tipicamente como adjuntos adverbiais.

Sabemos que, embora a tradição gramatical dissemine a noção de que a classe gramatical é uma propriedade praticamente inerente a uma palavra, sendo, por isso, comum em compêndios gramaticais ou pedagógicos, a apresentação de palavras fora de contextos sintáticos, em listas de classes de palavras, tal prática é criticada dentro das discussões gerativistas, uma vez que, mesmo em línguas de morfologia rica como o português, somente dentro do contexto sintático frasal é possível a identificação da categoria gramatical de muitas palavras. Nas línguas de sinais, em especial, a falta de uma morfologia categorial torna a identificação da categoria gramatical de sinais fora de contexto sintático comumente impossível. Tomemos os exemplos a seguir, recuperados do próprio DLSB, para mais uma análise dessa questão:

(4) a. 

SÃO PAULO ESTADO SANTA CATARINA ESTADO **SUL**

‘O estado de Santa Catarina fica ao sul do estado de São Paulo.’ (p. 126)

b. 

ESCOLA DIREITA

‘Vire à direita da escola [...].’ (p. 125)

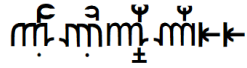


Haveria Categoria Preposicional na Libras?

No exemplo (4a), verificamos a ocorrência de três sintagmas nominais (ou sintagmas determinantes - DPs) – SÃO PAULO ESTADO (- o estado de São Paulo), SANTA CATARINA ESTADO (- o estado de Santa Catarina) e SUL (- [a/no] sul). Entretanto, como se trata de uma oração (cláusula), significando 'Santa Catarina está ao sul de São Paulo', assumimos que há aí um núcleo verbal nulo de natureza copulativa, que liga um predicativo do sujeito, no caso SÃO PAULO ESTADO SUL, ao sujeito da sentença que é SANTA CATARINA ESTADO. O que ocorre na estruturação dessa sentença da Libras é o fenômeno que podemos identificar como sintaxe espacial, que pode ser caracterizado, conforme mencionado, como a utilização de marcações espaciais (no espaço à frente do sinalizador) para definição de funções gramaticais de constituintes da frase.

Na sinalização da frase em (4a), realiza-se o sintagma SÃO PAULO ESTADO num ponto à frente do sinalizador e, num ponto logo abaixo desse, realiza-se o sintagma SANTA CATARINA ESTADO. Por fim, o sinal SUL é realizado a partir do ponto onde foi realizado o sintagma SÃO PAULO ESTADO, resultando num movimento retilíneo para baixo, próprio do sinal, que chega ao ponto onde foi realizado o sintagma SANTA CATARINA ESTADO.

Nessa estrutura, o predicativo do sujeito, cujo núcleo é o nome SUL, que traz como complemento nominal o sintagma SÃO PAULO ESTADO, atribui o papel temático locativo ao sintagma SANTA CATARINA ESTADO, o qual recebe o caso nominativo na posição de sujeito.

Em português, o DP 'o sul' se faz acompanhar de uma preposição ('a' ou 'em' – preposição, nesse contexto, do tipo (ii) segundo Brito, 2003), por conta do sistema de Caso dessa língua, que torna a preposição aí presente atribuidora do caso oblíquo ao DP 'o sul', garantindo legibilidade ao papel locativo desse DP. No caso da Libras, essa legibilidade do papel locativo é garantida, conforme hipótese aqui assumida, pelo posicionamento espacial desses sintagmas, visto a ausência de preposição nessa língua, ao contrário do português, em que a preposição que encabeça um predicativo do sujeito é lexical. Há ainda nessa frase a possibilidade de o sinal SUL, às vezes, não ser realizado. Isso indica que, além do verbo copulativo, o próprio nome SUL pode ficar nulo numa estrutura de sintaxe espacial como essa.

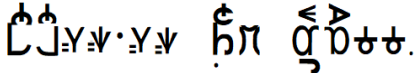
No exemplo em (4b), verificamos uma oração constituída por dois sinais (ESCOLA: , DIREITA: ). O sinal , tradicionalmente traduzido como (à) DIREITA (de), assume, segundo nossa análise, a posição do núcleo verbal 'vire' acrescido do

adjunto adverbial ‘direita’ (sem preposição), ou seja, ‘vire à direita’, num fenômeno de incorporação de mais de um constituinte em um mesmo sinal. O outro sinal está inserido no adjunto adverbial, assumindo a posição de complemento da raiz DIREITA, isto é, significa ‘a direção à direita da escola’.

Em português, a expressão ‘à direita da escola’ apresenta duas preposições. A primeira ‘a’, presente na crase ‘à’, é lexical (tipo (i) conforme Brito, 2003), sendo responsável pela atribuição de papel temático locativo e caso oblíquo ao DP ‘a direita’. Já a segunda ‘de’ é funcional (tipo (iii) conforme classificação de Brito, 2003), sendo responsável apenas pela atribuição do caso genitivo ao DP ‘a escola’, tornando-o legível para receber o papel temático de possuidor atribuído pelo nome ‘direita’, que é complementado por ‘da escola’. No caso da Libras, nossa análise desse exemplo indica que a atribuição de caso se dá por meio da sintaxe espacial. Primeiramente, realiza-se o sinal ESCOLA num ponto qualquer à frente do sinalizador e, em seguida, realiza-se o sinal (vire à direita) necessariamente a partir de um ponto próximo à direita do ponto onde se realizou o sinal ESCOLA, seguindo-se uma trajetória retilínea à direita, que é o movimento próprio desse sinal. A raiz verbal ‘vire’ está representada pelo traço de tipo de movimento retilíneo desse sinal e a raiz ‘direita’ está representada pelo traço de direção ‘à direita’. O papel temático de possuidor atribuído ao sintagma ESCOLA torna-se legível a partir do posicionamento do sinal ao lado direito do sinal ESCOLA, ou seja, a checagem de Caso que torna ESCOLA complemento de DIREITA é aí estabelecida de forma espacial. O papel de locativo recebido pelo DP ‘a direita’, em Libras, está representado em nível sublexical e também dentro de uma sintaxe espacial, uma vez que a relação entre o tipo de movimento do sinal – retilíneo (que representa verbo seguir) – e a direção do movimento – à direita (que representa um qualificativo modificador do verbo) – se dá mediante o contorno do movimento e da sua direção, dispostos no espaço.

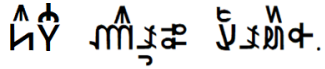
Vemos, assim, que estratégias alternativas ao uso de preposições em marcação de Caso parecem ocorrer em Libras. Vejamos outros contextos em que tais estratégias ocorrem, em exemplos como em (5) a seguir.

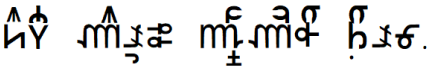
- (5) a.
- EU |ir| ESCOLA
‘Vou à escola.’

- b. 
 TRABALH|o| EU FAZ|er|
 ‘O trabalho foi feito **por** mim.’

Podemos observar que o DP ESCOLA, objeto-locativo do verbo IR em (5a), é selecionado diretamente pelo verbo, sem a necessidade de uma preposição ligando o verbo a seu objeto. Trata-se de uma sentença linear, na ordem SVO, em que a atribuição do papel temático locativo e a checagem do Caso se dão à semelhança de sentenças de objetos diretos em português. Já o exemplo (5b) mostra que a ocorrência de preposição em contextos como o de um ‘agente da passiva’ pode, em Libras, ser substituído por outra estratégia, como o deslocamento do sinal TRABALHO para o início da sentença, como tópico temático, trazendo o foco para esse sintagma, assim como ocorre com a utilização de voz passiva em português. Entretanto, como a estrutura do exemplo em Libras não é de voz passiva, o pronome EU ocupa nessa sentença a posição de sujeito. As preposições ‘a’ e ‘por’ presentes nas versões em português de (5a) e (5b) são classificadas por Brito (2003) como do tipo (i).

Nas frases abaixo em (6a) e em (6b), há exemplos em que a alternância da preposição está relacionada não apenas a uma mudança de sentido, mas a uma diferença de função sintática. Enquanto ‘**por** essa rua’ é um adjunto adverbial em (6a), havendo aí, portanto, uma preposição do tipo (ii) conforme Brito (2003), ‘**a** essa rua’ em (6b) é complemento-locativo do verbo ‘ir’, classificando-se a preposição ‘a’, nessa oração, como do tipo (i).

- (6) a. 
 |ir| RUA AND|ando.
 ‘Vou **por** essa rua.’

- b. 
 |ir| RUA ATÉ (loc)ESSA.
 ‘Vou **a** essa rua.’

Observa-se que, na sentença em (6a), o sentido da preposição ‘por’ é o mesmo do advérbio ‘através’, mas, de qualquer forma, há, em português, a exigência de uma preposição indicando adjuntos adverbiais formados por nomes, como é o caso de ‘por essa rua’. E tal preposição, que é do tipo lexical, atribui papel temático locativo e caso oblíquo ao DP, neste exemplo. Já no exemplo em Libras, verificam-se duas possibilidades de análise: ou está ocorrendo uma sentença complexa em que o adjunto adverbial modificador do verbo |ir| é

oracional, isto é, constitui-se da oração subordinada adverbial RUA AND|ando|; ou o verbo |ir| está atuando como um auxiliar de futuro do verbo AND|ando|. Em ambas as possibilidades, vemos a sintaxe espacial na realização do sinal ANDAR, que ocorre aí no antebraço, diferentemente da forma de articulação padrão desse sinal. É como se o sinal RUA marcasse o antebraço como o ponto espacial para realização de sinal ANDAR, que foi realizado nessa parte do corpo ($\overset{f}{\underset{\pm}{V}} \overset{N}{\text{ANDAR}}$), embora normalmente seja realizado sem locação ($\overset{f}{\underset{\pm}{V}} \overset{N}{\text{ANDAR}}$, sinal padrão).

A nossa análise é que a inserção da locação antebraço ($\overset{f}{\underset{\pm}{V}}$) no sinal ANDAR representa o agregamento a esse sinal de mais uma raiz semântica, em forma de morfema. Esse morfema é o responsável pela atribuição do papel temático locativo ao DP RUA e a checagem de Caso desse DP ocorre também pela via da marcação espacial de um ponto, a própria locação de RUA, para a realização do sinal ANDAR. Esse fato não muda a condição de verbo inergativo de ANDAR, uma vez que a atribuição de papel temático a RUA não parte da raiz própria desse verbo mas de uma raiz agregada, que desempenha o mesmo papel da raiz semântica de uma preposição lexical.

Quanto ao exemplo em (6b), vemos em ‘a rua’ o destino final do ato de ‘ir’ ou de ‘andar’. Nesse exemplo, observamos a presença do sinal $\overset{f}{\underset{\pm}{m}} \overset{f}{\underset{\pm}{m}} \overset{f}{\underset{\pm}{\sigma}}$, costumeiramente traduzido como ATÉ. Entretanto, a ocorrência desse sinal nessa frase é opcional, podendo este ficar ausente sem substituição. Assim, observamos que não se trata de uma preposição, que teria uma presença obrigatória. O comportamento do sinal em questão é mais condizente com um advérbio, pois funciona, nesta sentença, como um modificador do verbo, demarcando claramente o final da trajetória do verbo IR, que, de acordo com a visão gerativista, é um verbo transitivo. Em português, a presença de uma preposição se faz necessária nessa frase porque, por exigências do sistema de Caso dessa língua, o verbo ‘ir’ seleciona como argumento interno um sintagma preposicional (PP), encabeçado pela preposição ‘a’, que, todavia, pode ser substituída por ‘até’, se o falante desejar acrescentar conteúdo semântico relativo ao destino final da trajetória. Isso significa que, em português, o constituinte ‘até’ desempenha nesse contexto sintático duas funções, a de preposição marcando Caso, e a de agregamento do conteúdo semântico ‘destino da trajetória’. Em Libras, somente essa última função ocorre com o sinal ATÉ, uma vez que, não havendo obrigatoriedade da presença desse sinal ou de outro em seu lugar para a checagem do Caso, o sinal traduzido como ATÉ em Libras

não é uma preposição. Ou seja, podemos analisar esse sinal como exercendo nessa oração a função de um adjunto adverbial, pois modifica circunstancialmente a informação do verbo agregando a esse o sentido de ‘destino da trajetória’.

5. Considerações Finais

A análise realizada partindo do levantamento de verbetes do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos (CAPOVILLA *et al.*, 2017), o DLSB, através de rastreamento da estrutura frasal de exemplos, partindo da estrutura argumental das frases e das possibilidades de checagem de Caso via recursos da sintaxe espacial, assumindo a hipótese de Lessa-de-Oliveira (2023, no prelo) de acordo com a qual recursos da sintaxe espacial são utilizados para a marcação de Caso em Libras, mostra que, das preposições do português consideradas como verdadeiras por Berg (1998), aparecem nos verbetes do DLSB apenas: *com*, *para* e *sobre* e, das preposições tratadas por essa autora como *preposições com apenas um significado*, aparecem no DLSB *após*, *até*, *contra*, *desde*, *sem* e *sob*. O DLSB não apresenta exemplos de frases em Libras, apresenta apenas exemplos em português de frases com ocorrência da preposição ou locução prepositiva indicada em cada verbe, obrigando-nos a analisar frases da Libras similares aos exemplos em português apresentados neste dicionário.

Os resultados demonstram que não há obrigatoriedade de ocorrência em Libras de nenhum dos sinais apontados no DLSB como correspondentes a preposições *verdadeiras* ou *com apenas um significado* conforme a análise de Berg (1989) ou correspondentes aos três tipos apontados por Brito (2003). E, como a obrigatoriedade é requisito da categoria das preposições (que é sempre um sistema fechado nas línguas), tal resultado pode ser tomado com evidência em favor da hipótese defendida neste estudo, isto é, a ideia de que não há a categoria das preposições em Libras.

Verificamos que o papel desses sinais categorizados pelo DLSB como preposições pode ser, na verdade, de um adjunto adverbial. E outras estruturas sintáticas como seleção direta do objeto pelo verbo, topicalização ou sintaxe espacial parecem atuar funcionando como uma estrutura alternativa à checagem de Caso pela preposição.

Embora tenhamos feito observações contundentes, a nosso ver, que apontam a favor de nossa hipótese de não existência da categoria preposicional em Libras, ainda não consideramos os resultados deste estudo conclusivos, carecendo de mais análises que possam dar robustez aos resultados aqui apresentados.

Referências

- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERG, M. B. A natureza categorial da preposição. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.107-124, jan./jun. 1998.
- BRITO, A. M. Categorias Sintáticas. In: MATEUS, M. H. M et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho - Lisboa, 2003.
- CAPOVILLA, F. C. et al. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. São Paulo: EDUSP. 2017.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht, Holland, Cinnaminson: Foris Publications, 1981.
- CHOMSKY, N. **Knowledge of language: its nature, origin and use**. New York: Praeger Publishers, 1986.
- CHOMSKY, N. **Minimalist Program**. Cambridge, Mass, London: MIT Press, 1995.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERNANDES, E. **Surdez e Linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FERREIRA, L. **Similarities and Differences in Two Brazilian Sign Languages** *Sign Language Studies*, 42: 45-46, Linstok Press, Inc: Silver Spring, USA, 1984.
- FUKUI, N.; SPEAS, M. Specifiers and projection. In: **Papers in Theoretical Linguistics**, v. 8, p. 128-172, 1986.
- FUKUI, Naoki. **A theory of category projection and its applications**. Tese (Doutorado) - MIT, Cambridge, Mass, 1986.
- GRIMSHAW, Jane e WILLIAMS, Edwin. Nominalization and predicative prepositional phrases. In: **Semantic and the lexicon**. Dordrecht, j. Pustejovsky, 1993. Cap. 7, p. 97-105.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **Revel**, v. 10, n. 19, 2012.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. **Por uma modalidade escrita da Libras: estrutura frasal e sinalização, a estrutura fonológica do sinal e a escrita Sel (no prelo)**. Cidade: Editora, 2023.
- LIRA, G. A.; SOUZA, T. A. F. **Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2001.
- LITTLEFIELD, H. **Syntax Acquisition in the Prepositional Domain: evidence from English for fine-grained categories**. Tese (Doutorado em Linguística) - Boston University Graduate School of Arts and Science, Boston, 2006.
- LOBATO, Lúcia M. Pinheiro. Advérbios e preposições, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais. **D.E.L.T.A**, v. 5 (1): 101-120, 1989.
- MESQUITA, A. C. R.; SALLES, H. M. M. L. Preposições na língua de sinais brasileira e na interlíngua dos surdos aprendizes de português L2. In: SALLES, H. M. M. L.; NAVES, R. R.

(orgs.). **Estudos Gerativos de Língua de Sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos**. Goiânia: Cânone, 2010, p. 157 a 185.

MIOTO, C.; SILVA M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, M. S. Variação Linguística em Preposição na Libras: O Caso dos Sinais “Sobre” e “Contra” nos Níveis Léxico e Fonológico. INES. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 51. Jan./jun. 2019.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

SPORTICHE, D.; KOOPMAN, H; STABLER, E. **An introduction to syntactic analysis and theory**. Wiley-Blackwell, UK, 2014.

WILLIAMS, Edwin. The anaforic nature of -Roles. **Linguistic Inquiry**, MIT, v. 20 (3): 425-56, 1989, Summer, 1989.

Notas

ⁱ Conforme a teoria gerativa, o Caso abstrato é uma propriedade das línguas naturais. Por isso toda língua natural possui um sistema de Caso, o qual define as funções sintáticas dos argumentos, possibilitando a identificação dos papéis temáticos e, conseqüentemente, a compreensão da frase pelo falante. Em se tratando da preposição, esta atribui Caso oblíquo ao sintagma determinante por ela selecionado.

ⁱⁱ De acordo com Kenedy (2016), os argumentos são entidades sintáticas cuja ocorrência na sentença se encontra prevista nos traços formais que fazem um certo item lexical tornar-se um predicador. Um argumento vai sempre assumir um status em relação ao seu predicador, que poderá ser de complemento (argumento interno) ou de especificador (argumento externo). Essa nomenclatura corresponde à maior ou menor imediatividade nas relações e à posição sintática (direita ou esquerda) em relação ao predicador.

ⁱⁱⁱ Para Kenedy (2016), o complemento é o item que é selecionado imediatamente pelo predicador e corresponde à primeira vinculação sintática estabelecida pelo Sistema Computacional. Semanticamente, o complemento de um predicador é seu tema (objeto), sobre o qual incide o evento descrito pelo predicador.

^{iv} Papel temático, também identificado como papel θ , é o significado atribuído ao argumento por intermédio do predicador (KENEDY, 2016). A atribuição do papel θ descreve o conteúdo dessa relação (argumento e predicador). A quantidade, tipos e posições de papéis temáticos são codificados na entrada lexical, e essas características devem ser satisfeitas na estrutura sintática de acordo com Princípio de Projeção. Um núcleo pode selecionar um componente com base na semântica (s-seleção) ou com base nas categorias gramaticais (c-seleção) (CHOMSKY 1981; SPORTICHE, KOOPMAN, STABLER, 2014).

^v Isso atribui às categorias funcionais um papel fundamental na concepção da gramática, reservando a elas o papel de definidoras das gramáticas particulares.

^{vi} A escrita Sel é um sistema linear, não-logográfico, cujos caracteres (e diacríticos) representam os traços fonológicos distintivos na articulação do sinal. Os caracteres desse sistema são formados a partir do que Lessa-de-Oliveira (2012) identifica como três macrosssegmentos (Mão, Locação e Movimento), os quais formam unidades denominadas

como MLMov. Os itens lexicais da Libras são articulatoriamente constituídos pelas unidades MLMov, e o sistema Sel foi elaborado com base nessa unidade.

^{vii} Em português, a preposição *para* ocorre num sentido locativo (*vou para o litoral*) e num sentido de finalidade (*trabalho muito para viajar*), correspondendo neste último caso à locução *a fim de*. No DLSB, apresenta-se a locução *a fim de*, entretanto ocorre um equívoco quanto ao sinal da Libras associado a essa locução prepositiva, pois se trata, na verdade, do sinal AFIM correspondente a uma gíria em português que significa *interessado em*. Os exemplos trazidos pelo DLSB confirmam tratar-se do sentido *interessado em* atribuído a esse sinal no verbete, mas há um erro ortográfico, pois em vez de *afim* grafou-se *a fim* nesses exemplos, o que confirma o equívoco quanto à associação do referido sinal à locução prepositiva *a fim de*.

Sobre as autoras

Carine Gurunga de Matos

Mestra e doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Tradutora e Intérprete de Libras no Instituto Federal Baiano. Email: carinegurunga@gmail.com. Orcid: orcid.org/0000-0002-4238-9718

Elisângela Gonçalves

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas; Professora Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/ Campus de Vitória da Conquista. Email: elisangela.silva@uesb.edu.br. Orcid: orcid.org/0000-0003-4958-3553

Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas; Professora Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/ Campus de Vitória da Conquista. Email: adriana.lessa@uesb.edu.br. Orcid: orcid.org/0000-0003-1524-8386

Recebido em: 31/10/2023

Aceito para publicação em: 04/11/2023